

GEO 797 - SEMINÁRIOS

Discente: Darlene do Carmo Ferreira		
Título: Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV?		
Orientação: Caroline Delpupo Souza	Data: 18/11/2021	Hora: 14:00

Resumo: A universidade enquanto espaço de construção do saber há muito se configura como lócus de negação à presença feminina, fato que claramente se confirma tendo em vista o contexto de surgimento da instituição, que, segundo Simões (2013), teve seu berço no século XI na Itália, mais especificamente em Bolonha. Dessa forma, fica evidente que a produção do conhecimento científico tem origem em uma conjuntura de monopólio masculino e branco, e, até os dias atuais, a mulher é tida como estrangeira nesta tarefa, mesmo compondo maioria numérica nos diversos campus acadêmicos espalhados mundialmente e nacionalmente.

De acordo com os dados obtidos na pesquisa realizada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e divulgados em setembro de 2019, “enquanto 18% dos homens brasileiros de 25 a 34 anos têm ensino superior, essa porcentagem sobe para 25% entre as mulheres da mesma faixa etária”. Ora, mas se a mulher compõe maioria numérica nos centros de pesquisa, porque ainda não se faz maioria em determinados cargos e carreiras? O que as impede? Escolhas individuais ou formação estrutural da sociedade? Inquietações desta natureza instigam o interesse pela busca de respostas e alternativas para lidar com a problemática.

Diante de tais reflexões, a pesquisa em questão pretende analisar a formação acadêmica de mulheres no curso de Geografia, especificamente o que compõe a gama de graduações da Universidade Federal de Viçosa, a fim de identificar e entender de que maneira a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo. Ao trazer a discussão para o recorte pretendido, tais disparidades evidenciam-se, principalmente no campo das geociências, justamente aquele que possui um caráter mais matematizado, estatístico em relação às outras áreas estudadas pela ciência geográfica.

Para pautar este debate e buscar desvendar tais assimetrias, algumas categorias de análise, caras ao pensamento geográfico, enfatiza-se o espaço e o território, são especialmente capazes de descrever e compreender as engrenagens que movem a sociedade dentro de uma lógica patriarcal. Valendo-se, sobretudo, de uma Geografia feminista e/ou de gênero, “ler” tal realidade torna-se ainda mais interessante.

Ao propor a análise do sistema de gênero, é imprescindível que se adentre as discussões feministas, uma vez que tais temáticas caminham *pari-passu*. Nesse sentido, a abordagem teórico-metodológica que iluminará as interpretações do fenômeno estudado remete-se ao feminismo decolonial, interseccional e marxista. A metodologia ainda se valerá do método quali-quantitativo e, para investigar a questão colocada se fará necessária a realização de entrevistas semiestruturadas com as/os estudantes e as/os professoras/es do curso de Geografia da UFV. Essas entrevistas servirão ainda como material basilar para o cruzamento com outros dados levantados a partir da exploração documental.

As motivações para o desenvolvimento desta pesquisa estão diretamente ligadas à realidade da pesquisadora, ex-aluna do curso de graduação em Geografia da UFV, atualmente mestranda do programa de pós-graduação em Geografia da mesma instituição, bem como à sua trajetória de envolvimento com movimentos sociais e por se entender enquanto mulher feminista.

Diante do exposto, acredita-se que uma melhor compreensão acerca da ocorrência desta dinâmica possibilitará a ampliação do debate e trará diferentes olhares a fim de contribuir para as mudanças tão necessárias na estrutura social.

